

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

DESMISTIFICANDO A EAD: UMA REFLEXÃO SOBRE A QUALIDADE DA MODALIDADE¹

DEMYSTIFYING THE EAD: A REFLECTION ON THE QUALITY OF THE MODALITY

Mariane Denise Martins²

¹ Trabalho decorrente da Dissertação de Mestrado em Educação na Ciência intitulada: Processo de ensino e aprendizagem na modalidade de EaD: Uma discussão a partir da compreensão de professores.

² Mestra em Educação nas Ciências pela UNIJUI, Bacharel em Sociologia, pela mesma universidade e em Administração, pela UERGS.

Resumo

Diante do grande avanço da EaD no Brasil, o número de críticas a modalidade tende a aumentar. Ao assumir a convicção de que o problema em relação ao ensino não é a modalidade, mas a forma como ela foi introduzida no Brasil, nas instituições de ensino, e sob que interesses, proponho que a discussão não fique sob argumentos genéricos. Assim, o objetivo deste artigo é problematizar, através de alguns dados e algumas reflexões a qualidade da modalidade EaD. Com uma pesquisa bibliográfica, pretendo apresentar dados que poderão ajudar a desmistificar a EaD como sinônimo de má qualidade. Os resultados apontam que, os mitos podem ter sido criados a partir de entendimentos errôneos da modalidade. Também que há uma série de potencialidades na modalidade que nem sempre são exploradas, justamente pelos pré-conceitos. Por fim, há dados que apontam que o uso de metodologias ativas é maior na EaD, que na modalidade presencial, bem como o número de interações com os alunos, o que pode significar qualidade no ensino.

Palavras-chave: Educação a Distância; mito; qualidade; potencialidade

Abstract

In the face of the wide spread of distance learning in Brazil, criticism of the modality tends to increase. Assuming that the problem is not the modality, but the way that it has been introduced in Brazil, in educational institutions, and under which interests, I propose that the discussion do not remain under generic arguments. In this way, the goal of this article is to problematize, through some data and some reflections, the quality of the distance learning modality. Through

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

bibliographic research, I intend to present data that might help to demystify distance learning as a synonym of bad quality. The results indicate that the myths can be created from misunderstandings of the modality. Also, there is data indicating that the use of active methodologies is larger in distance learning than in classroom-based education, as well as a bigger number of interactions with students, which might mean better quality. Finally, they show that there is a set of potentialities in the modality that are not always explored, precisely because of the preconceptions.

Key-words: distance learning; myth; quality; potentiality

1 INTRODUÇÃO

A discussão em torno da Educação a Distância (EaD) tomou uma proporção muito grande no Brasil nos últimos anos. Uma série de fatores contribuíram para que isso acontecesse. No ano de 2017, o MEC (Ministério da Educação), atualizou a modalidade, possibilitando a ampliação de cursos superiores de graduação e pós-graduação a distância. A partir destas mudanças as instituições podem criar polos de EaD, além do credenciamento de instituições na modalidade sem exigência de credenciamento prévio para a oferta presencial (BRASIL, 2017). Seguindo nesta linha, no ano de 2018 o Conselho Nacional de Educação decidiu liberar o ensino a distância para os cursos de ensino médio.

Estas resoluções tiveram consequência direta no que diz respeito ao aprofundamento da mercantilização da educação. A Kroton que já era a maior empresa do ensino superior do país, agora decide comprar uma grande empresa do ensino básico, a “Somos”. A operação foi avaliada em mais de R\$ 6 bilhões. A “Saber”, empresa gerada por esta transação já iniciou processo de abertura de capital. A “Estácio”, concorrente da “Kroton”, também iniciou sua movimentação em direção ao ensino médio, bem como outras empresas menores, mas de significativa representação no país. (FOLHA, 2018)

Todo este movimento do MEC, desencadeando não por acaso, no reposicionamento das empresas, é sem dúvida, avassalador para a educação brasileira. A mercantilização da educação, é um problema que já enfrentamos e poderá se agravar nos próximos anos, trazendo consequências cada vez mais sérias para a população brasileira. Ainda não é possível saber as dimensões exatas destas medidas, mas é evidente que a população mais carente, justamente aquela, para a qual o Brasil tem uma dívida histórica, também em relação a educação, será a mais atingida. No entanto, não tratarei aqui do que poderá significar a qualidade de uma educação que estará sob os desígnios do mercado, que terá como primeira premissa a geração de lucro para os investidores.

Por que não tratarei aqui esta questão? Justamente porque, a parte desta situação acima

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

colocada, realmente preocupante, a questão que proponho para a discussão é a qualidade da modalidade. Em função do processo em que aconteceu a implementação e ampliação da modalidade de educação a distância no Brasil, aliado ao fato de ela ser uma modalidade nova, que exigiu novas metodologias do professor, parece que se criou uma espécie de mito em torno dela. Assim, muitas vezes a discussão e opiniões em relação ao funcionamento e qualidade, ficam em torno de senso comum, de experiências mal encaminhadas e, portanto, fracassadas, ou de experiências de instituições que já estão no mercado, no ensino superior, a partir de uma concepção de lucro. Neste sentido, parece que deixamos de pensar no que significa a modalidade em si, suas possibilidades metodológicas, suas interações, e sua concepção pedagógica.

As críticas normalmente giram em torno do que as grandes empresas de educação vêm fazendo nos processos de ensino, ou da dificuldade das IES em compreender a modalidade e suas especificidades. A primeira pergunta que faço é se o problema da qualidade é um problema da modalidade, ou da forma como a modalidade entrou no Brasil e sob que interesses. Neste sentido este artigo tem o objetivo de problematizar, a qualidade da EaD, a partir de dados e apontamentos teóricos.

Não se trata de fazer definições ou defesas, mas de refletir, sobre o tema. Acredito que reflexões embasadas, poderão ajudar professores a pensarem sobre sua resistência em relação a modalidade, muitas vezes construídas sob conceitos parcos e mal elaborados. Da mesma forma, as instituições sérias e preocupadas com os processos de ensino, poderão compreender melhor a modalidade. Desta maneira, a partir deste objetivo, acredito ser possível ter uma visão da modalidade como uma possibilidade pedagógica poderosa para a aprendizagem dos alunos nestes nossos tempos onde as TICs já são realidade cultural e social.

A pesquisa aqui apresentada, se caracteriza por uma revisão bibliográfica explicativa. Versa sobre a modalidade EaD, e foi embasada em artigos relacionados ao tema em questão. Gil (1991) aponta que a revisão bibliográfica é elaborada a partir de materiais bibliográficos, artigos e periódicos.

1. O mito da (des) qualidade do EaD

O crescimento da modalidade EaD não significou mudanças em relação as interpretações desta modalidade. A discussão em torno da modalidade ainda é bastante contraditória, por vezes polêmica e muitas vezes preconceituosa. A partir de diferentes olhares constrói-se um senso comum sem embasamentos concretos. Normalmente as análises são em relação e oposição a educação presencial, assim, “Há um debate falso que coloca, de um lado, a boa educação presencial e, de outro, a má qualidade da educação a distância. Há uma enorme carga de preconceito nessa visão maniqueísta.” (GADOTTI, 2010, p. 21). Em primeiro lugar, é sabido que a educação presencial também tem problemas, muitas vezes a EaD explicita estes problemas que não são vistos no presencial (MARTINS, 2017), pois o professor, ao entrar na sala de aula, fecha a porta e pouco se sabe dos seus processos de ensino.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Além disso há uma tendência em pensar a EaD como fácil e de pouca possibilidade de aprendizagem. As ideias errôneas a partir de mitos populares são apresentadas por Vieira (2007, p.12),

(...) a crença nos mitos e preconceitos que ainda fazem parte do imaginário popular com relação à EAD é prejudicial em muitos sentidos. Aqueles que ingressam como alunos em um curso a distância, acreditando que o mesmo apresentara baixos níveis de exigência e rigor acadêmico ou mesmo que não há necessidade de dispor de tempo à execução das tarefas, podem acabar aumentando as estatísticas de evasão e negação à modalidade.

Se por um lado temos estes tipos de entendimento no que diz respeito aos estudantes, do ponto de vista do professor também há equívocos interpretativos. O principal deles é de que na EaD não é mais necessário o professor. Para Junior e Massensini, (2011, p. 3-4)

Muitos docentes, presenciais, têm preconceito com esta modalidade, pois acreditam que a EaD irá substituir o professor. Na verdade, o professor deverá mudar à sua maneira de ensino, mas a figura do professor sempre existirá seja na modalidade presencial ou a distância. Dentro desse contexto, o professor encontra resistência por perceber na modalidade uma série de complexidade e não compreender como mudar sua prática educacional em contextos permeados por inovações.

Por fim, falta esclarecimento sobre o conceito da modalidade e suas especificidades. Na EaD os entendimentos de Tempo e Espaço são outros que o presencial (MARTINS, 2017), entender as diferenças ajudam a compreender de outra forma a modalidade. Esta dificuldade de compreensão, pode gerar erros frequentes de alunos e professores, ao transporem seus entendimentos da modalidade presencial, para a EaD,

Se estudantes e professores são encorajados a imaginar espaços reais de aprendizagem em espaços virtuais de aprendizagem como modelos, parece óbvio para muitos deles manter o comportamento de ensino e aprendizagem com os quais estão familiarizados dos espaços reais de aprendizagem e, na medida do possível, transpor isso para o espaço virtual de aprendizagem. (PETERS, 2004, p. 149)

Todas estas questões poderão gerar problemas nos processos tanto de ensino quanto de aprendizagem. Consequentemente isso poderá significar um entendimento de uma modalidade desqualificada. Assim, questões levantadas nesta sessão contribuem para desmistificarmos o mito

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

de uma modalidade de baixa qualidade.

2. Os dados que questionam a oposição entre as modalidades

Se por um lado há mitos que se perpetuam, há dados em sentidos que podem sugerir outra leitura da EaD. O último senso do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) do ensino superior e o último senso da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância) trazem alguns dados que são no mínimo curiosos quando comparamos as duas modalidades. Nesta sessão apresentarei algumas informações destes sentidos, que poderão ajudar a problematização da qualidade da modalidade a distância em comparação com a modalidade presencial.

Nas Notas Estatísticas Ministério da Educação em relação ao senso destaca-se a comparação entre a formação dos professores das duas modalidades. A comparação mostra que não há muita diferença em relação ao número de doutores e mestres das duas modalidades. Enquanto na educação presencial a porcentagem de Doutores é de 48% na EaD é 41%. Já a porcentagem de mestres no presencial é de 36% enquanto que na EaD 46%. O número de “até especialistas” no Presencial é maior 16%, enquanto que na EaD é de 13%[\[1\]](#). Os números equiparados da titulação dos professores, apontam que as instituições tem buscado professores bem formados também para a modalidade a distância, logo este não pode ser um elemento que justificaria a má qualidade na EaD.

Outros indicativos interessantes a serem observados são fornecidos pelo senso da ABED em 2016. Neste, destaco três pontos que podem ajudar na problematização a que se propõem este trabalho. O primeiro dele diz respeito aos tipos de feedback fornecido aos alunos a partir das duas modalidades, que pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 - Tipos de feedback oferecidos aos alunos em cursos regulamentados

Tipo	EaD (%)	Presencial (%)
Feedback Individual Tutor/professor	53	25
Mais de 3 notas/sem.	20	22
Feedback entre alunos	6	2
Notas de áudios/Vídeo	15	1

Fonte: ABED (2016)

Aqui podemos ver que o retorno dado ao aluno pelo professor ou tutor é maior na modalidade EaD, assim como as notas de áudio e vídeo que são interessantes formas de interação com os

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

alunos. Cabe lembrar que a interação entre discente e docente é uma importante forma, se bem utilizada, de alavancar o processo de aprendizagem.

O segundo indicativo diz respeito ao tipo de atividade que é solicitada aos alunos. No quadro abaixo, poderemos perceber na EaD há mais estímulo a discussões, da mesma forma a solução de problemas também é maior na EaD. Também é na EaD a maior produção de materiais multimídia, fundamentais nos processos de ensino e aprendizagem atuais. Estas questões explicitadas no quadro abaixo, também poderão nos sugerir uma qualificação nos processos de aprendizagem, ainda que, a atividade em si, não é sinônimo de qualificação dos processos.

Quadro 2: Tipo de atividades solicitadas aos alunos em cursos regulamentados

Tipo	EaD(%)	Presencial(%)
Discussões	75	57
Soluções de problemas	53	44
Produção de texto não acadêmico	40	39
Produção de texto acadêmico	59	45
Produção de materiais multimídia	45	29
Atividade de prática profissional	13	13

Fonte: ABED (2016)

Por fim, os conteúdos apresentados no EaD, podem sugerir uma qualificação maior na forma como chegam aos alunos desta modalidade que na modalidade presencial.

Quadro 3 - Conteúdos oferecidos pelos cursos

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Tipo	EaD(%)	Presencial (%)
Teleaulas	73	34
Textos	65	48
Vídeos	57	27
Livros impressos	56	46
Livros eletrônicos:	45	26
Objetos de Aprendizagem	31	6

Fonte: ABED (2016)

A partir do Quadro 3, percebo que há uma diversidade de materiais maior ofertada na EaD. Também não fica claro, como exatamente o conteúdo é disponibilizado aos alunos do presencial. Cabe destacar que qualquer informação dada, tanto da modalidade presencial, como na modalidade EaD, isoladamente, não poderão ser argumentos de afirmação de uma qualidade maior ou menor. Os dados apontados apenas propõem que qualquer afirmação de qualidade, ou da má qualidade da EaD, precisa ser refletida e problematizada.

1. Um olhar a partir das potencialidades da EaD

Depois que analisei o mito em torno da EaD e apontei alguns dados que questionam afirmações pouco fundadas da má qualidade desta modalidade, trago a reflexão das potencialidades desta modalidade. Início o debate da sua potencialidade a partir da oportunidade de democratização da educação. Os números de ampliação de matrículas falam por si [1]. Contraditoriamente iniciei falando do avanço dos grandes plays e de suas jogadas de mercado. É verdade, esta é uma contradição da essência da modalidade no Brasil, por um lado os grandes plays ampliam o número de alunos. Abrem polos em cidades menores, ampliando sua escala e consequentemente o número de alunos, barateiam os custos e assim possibilitam que um número maior de pessoas acesse a universidade. Muitas pessoas não acessariam o ensino superior de outra forma. Por outro lado, como o foco está na escala de alunos, a qualidade do ensino pode ficar de lado e, portanto, pode ser questionada. Temos uma potencialidade que nasce com uma contradição.

Junto a esta questão da democratização, o aluno pode ter acesso em qualquer lugar e horário "A educação aberta baseia-se nos princípios da igualdade e do ensino permanente, acessível a qualquer pessoa, independentemente do seu perfil, a qualquer hora e em qualquer lugar" (Abbad, 2007, p. 353). De fato, estes aspectos nos apontam para uma democratização do

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

ensino superior, historicamente excludente.

Além disso Abbad (2007, p 370) elenca uma série de potencialidade da modalidade. Em relação ao retorno aos alunos e interação entre professores e alunos e entre alunos, que facilita os resultados de aprendizagem, ele elenca,

- Possibilidade de oferta de feedbacks individuais e contingentes ao desempenho acadêmico do aluno.
- Viabilização e estimulação a participação das pessoas no processo de ensino-aprendizagem.
- Viabilização do trabalho em equipe de pessoas fisicamente distantes entre si.
- Destrução de barreiras físicas entre pessoas, possibilitando contatos assíncronos com registro simultâneo da contribuição e mensagens.
- Ampliação da interação entre os aprendizes
- Facilitação do acompanhamento dos processos de aprendizagem do aluno, bem como dos resultados dessas aprendizagens.

Em relação ao uso dos materiais Abbad (2007, p 370) aponta potencialidades a partir de acessos ilimitados em qualquer lugar, e facilidade de uso e tratamento de informações

- Uso de hipertexto, multimídia e hiperbases de dados (multimodalidade e experimentação).
- Acesso facilitado (on-line) a bibliotecas, informações, arquivos eletrônicos.
- Aumento da interatividade com os materiais didáticos.
- Facilitação a simulação de situações atividades de solução de problemas para repetição e generalização de conhecimentos.
- Facilitação para armazenar, recuperar e tratamento de informações coletadas por meio da rede.

A lista de potencialidades elencada por Abbad (2007) nos proporciona no mínimo outro olhar para a modalidade. É correto afirmar que estas potencialidades só poderão ser exploradas, na medida que os mitos tratados no primeiro item do trabalho forem desconstruídos. Cabe ressaltar também que explorar a modalidade, no sentido de experimentar e até estudar sobre, pode significar também o desafio de experimentar e de dialogar entre professores sobre sucessos e dificuldades. Estas práticas, nem sempre são fáceis de acontecerem no meio universitário quando, ao contrário, há um movimento de isolamento dos docentes nos últimos anos (MARTINS, 2016).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Considerações finais

Neste trabalho busquei problematizar, a qualidade da EaD, a partir de dados e reflexões teóricas. Comecei a discussão a partir da fundamentação de que existe um mito em torno da EaD, de que esta é uma educação de má qualidade, especialmente quando comparada ao presencial, que seria seu oposto. A partir disso, trouxe dados de sensos que poderiam questionar esta ideia, com índices maiores de feedbacks aos alunos da EaD, bem como do tipo de atividades oferecidos aos alunos desta modalidade que poderiam sugerir mais qualidade. Finalmente, aponte o que já existe das discussões sobre as potencialidades da modalidade. Esta discussão foi feita partindo do contexto em que a educação virou um negócio lucrativo para grandes empresas. O que pode ser contraditório à potencialidade da democratização, tal qual aconteceu no Brasil, já que a qualidade no ensino não é prioritária.

Ao final deste trabalho ficam algumas ponderações que julgo importantes, especialmente à professores e instituições de ensino. A primeira, é o reconhecimento de que no Brasil tivemos muitas experiências de implantação da modalidade, que não permitiram, ou não permitem, a qualidade no ensino, especialmente porque a preocupação com a escala e o lucro são orientadores dos projetos de implementação.

Além disso, os dados que apresentei, podem no mínimo questionar o maniqueísmo comparativo das modalidades. Como a EaD é tão ruim se tem um índice maior de interação entre os alunos e professores e entre alunos? Se não há diferenças significativas entre a titulação dos professores das duas modalidades? Se na EaD há atividades de problematização mais que no presencial? O problema é a modalidade ou a falta de experiência na implementação de projetos? Quais os parâmetros que fundamentam os projetos de implementação da modalidade, de ensino ou apenas financeiros?

Não cabe aqui afirmar que a modalidade a distância tem mais qualidade, ou menos que a modalidade presencial. Meu objetivo é fomentar a reflexão, para que as análises e decisões institucionais possam ser mais assertivas em relação a modalidade. Olhar sob outros parâmetros poderá ser fundamental para que se possa aproveitar as potencialidades que ela oferece ao processo de ensino. Ao qualificarmos as práticas de ensino, (independente da modalidade) talvez podemos perceber que é possível fazer um ensino a distância diferente, quando junto à sustentabilidade, há o comprometimento com uma educação de qualidade.

Bibliografia

ABBAD, Gardênia da Silva. Educação a distância: o estado da arte e o futuro necessário. Revista

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

do Serviço Público. Brasília 58 (3): 351-374 Jul/Set 2007. Disponível em: <<https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/178/183>>. Acessado em: junho de 2017

ABED Associação Brasileira de Educação a Distância. Censo EAD. Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2016. Curitiba: InterSaberes, 2017. Disponível em: <http://abed.org.br/censoead2016/Censo_EAD_2016_portugues.pdf>. Acessado em: junho de 2018.

BRASIL. Atualizada legislação que regulamenta Educação a Distância no país. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/212-noticias/educacao-superior-1690610854/49321-mec-atualiza-legislacao-que-regulamenta-educacao-a-distancia-no-pais>> Acessado em junho de 2017.

BRASIL. Censo da Educação Superior 2016. Notas Estatísticas. Ministério da Educação Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf> Acessado em: junho de 2018.

FOLHA. Conglomerados do ensino superior avançam sobre a educação básica. São Paulo, 2017 Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/06/conglomerados-do-ensino-superior-avancam-sobre-a-educacao-basica.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb . Acesso em: 27 junho. 2017.

GADOTTI, Moacir. Qualidade na educação: uma nova abordagem. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3086/1/FPF_PTPF_12_084.pdf> Acesso em: junho de 2018.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

JUNIOR, Celso Pinto Soares; MASSENSINI, Ariana Ramos. Não existe professor na modalidade EaD. Um mito a ser quebrado. ABED. Congresso de Educação a distância. Goiânia Abril 2011. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/268.pdf> > Acessado em junho de 2018.

MARTINS Mariane Denise. Processos de ensino e aprendizagem na modalidade de EaD: uma discussão a partir da compreensão de professores. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) - Universidade Regional do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2017.

PETERS, Otto. A Educação a Distância em transição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VIEIRA, Maristela Compagnoni. EaD: o mito da educação fácil. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia Multimeios e informática educativa) - Faculdade de Educação da

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. Revista da Graduação Publicações de TTC, v. 1, n. 1 (2008) Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/3486>> Acessado em: Junho de 2018.

[1] Na modalidade a distância o aumento da de matrículas foi de 7,2% enquanto houve um decréscimo nos cursos presenciais de 1,2% (BRASIL, 2016)

[1] (BRASIL, 2016, p. 17)